

Entrevista realizada no dia 18 de novembro de 2004, na sede da Lagoa do Clube Militar. Cedida por Álvaro Delvalle dos Santos Filho, porteiro do clube. Realizada por Nathalia de Mattos Faria para o projeto “Trabalho e identidade? Trabalhadores no Brasil do século XXI – uma pesquisa de história oral”, sob orientação do professor Marcos Alvito Pereira de Souza, da Universidade Federal Fluminense.

(Nathalia): Me fala um pouco da sua infância.

(Álvaro): O quê?

(Nathalia): Assim, você lembra dos seus avós?

(Álvaro): Tanto lembro como eles fazem uma falta danada.

(Nathalia): Você era muito próximo deles?

(Álvaro): Bem dizer foi ele que criou a gente. Meu pai é..., como é que eu vou dizer, tinha outra vida conjugal. Aí minha mãe pegou, ele tava morando com a mulher em Caxias, aí pegou destruiu o carro dele que ele tinha, entendeu? Aí pegou, mudamos de Caxias pra Penha, de Caxias pra Penha aí ele pegou lá na Penha e acabou de se separar da minha mãe. A gente tivemos que, eu principalmente, foi obrigado a largar o colégio, que minha mãe trabalhava na lanchonete, aí levava assim tipo essas coisa que sobrava né, na lanchonete pra gente comer em casa, comprava (?) do que sobrava no açougue pra fazer sopa pra gente. Aí meus irmão todinho e eu tivemos que parar de trabalhar pra tirar nossa mãe da, dessa luta. Que ele pegava de manhã cedo chegava em casa meia noite e pouco, uma hora da manhã.

(Nathalia): E onde foi o seu primeiro trabalho?

(Álvaro): Meu primeiro trabalho foi no Cais do Porto, aos doze anos carregando saca de cinqüenta quilos na cabeça.

(Nathalia): E você ficou lá até quanto tempo, assim, quantos anos?

(Álvaro): Até os vinte e oito anos.

(Nathalia): E era muito duro o trabalho lá?

(Álvaro): Lá é descarga de navio, não tem material certo. Às vezes pode ser tubulação, (?) petrolífero, pode ser saca de café, pode ser bubina de aço, bubina de papel, lingote de ouro, lingote de cobre é... aquele arame, vergalhão, carne, às vezes tem que trabalhar dentro do porão do navio, lidar com marginal. Às vezes tu vê nego matando outro dentro do porão do navio e não pode falar, finge que não vê.

(Nathalia): Você já viu?

(Álvaro): Eu já cansei de ver. Tanto já vi, como já vi nego jogar pessoa dentro, debaixo de navio. Porque fica a plataforma e o navio, né aí de vez em quando quando bate a onda o navio vem bate na beira da plataforma e aí volta né. Já vi nego amarrar assim num barbante, tipo uma corda (?) no pé da pessoa entendeu, naquele bloco de concreto aí o navio ia e quando o navio vinha voltando assim nego jogava o cara. Aí o cara não volta mais, ele fica preso debaixo do casco do navio. Por causa da, como é que é o nome, sucção. E aí um abraço, nunca mais vê ele. Muita coisa que tu vê ali dentro. Nego é... por exemplo, vai trabalhar à noite numa descarga de carne, carne congelada né, aí o cara, o fiscal chega pra eles e fala ó você só quero que você deixe arriar pra eu conferir, depois que entrar no caminhão é com você mesmo. Aí o cara arreia, descarrega e quando começa a entrar no caminhão que você vai vê nego com machado, facão, serra. Distrincha a carne ali, bota tudo naquelas bolsa de couro de super... que nego faz feira e sai com ela pra rua, pra casa.

(Nathalia): Mais aí não tinha supervisão, nada?

(Álvaro): No Cais do Porto não existe, não existe isso. No Cais do Porto é só máfia mesmo da pesada mesmo. Rola muita grana ali, muito dinheiro mesmo.

(Nathalia): Mas você já foi alvo de violência lá?

(Álvaro): Não, não, eu não. Eu nunca me meti nesse meio. Eu fazia meu trabalho, recebia meu dinheirinho e saía fora. Quando nego às vezes, a pessoa marca um trabalho aqui no armazém 18 e aí ao mesmo tempo ele marca em outro armazém, entendeu? Então enquanto o cara vai fazer aquele ele paga um pra fazer aqui, entendeu? Aí às vezes eu fazia isso, o cara tava escalado pra trabalhar no porão do navio, me pagava e eu ia trabalhava lá pra ele enquanto ele ia fazer em outro lugar, entendeu? O grosso mesmo que lá gente, lá o pessoal, os estivadores ganha por tonelada tirada do navio, o grosso mesmo que levava era ele. Ele só ia receber dois dia depois. Mas me pagava na hora, toma te dou cem pau pra você fazer pra mim. Mas não era a noite toda direto, é... tem turno. A pessoa pega de seis à meia noite e outra pega, outra turma pega de meia noite até de manhã cedo. É cada turma tem aquela quantidade de tonelada, depois soma tudo o total e aí pega vai no sindicato da estiva e recebe o dinheiro.

(Nathalia): Mas você trabalhava sempre com as mesmas pessoas ou não? Ou variava?

(Álvaro): Não, não. Não tinha armazém certo você tinha que chegar na beira do Cais do Porto quatro e meia, quatro horas, três e meia da manhã. Tinha um encarregado que já chegava, cada, cada, como é que se diz, cada armazém. Aí chegava no armazém tal precisa de sete homens. Aí eles escolhia, tinha aquela máfia que o cara certo, entendeu? Ele já chegava muito antes do cara ir tirar o

trabalho: ó se eu ganhar dois mil, eu te dou duzentos e cinqüenta, entende? Todo trabalho que tinha bom, ele já tinha aquele pessoal certo pra tirar, aí o que sobrava que ficava com os outros.

(Nathalia): E como é que você se sentia em relação a isso?

(Álvaro): Fazer o quê, né. Não tem como se sentir, a gente precisa. Na época, né. Não tinha, vamos dizer assim, não tinha conhecimento, entendeu? Aí acabava de trabalhar tu recebia o dinheiro na mão. Eles não, eles só recebia dois três dias depois que tinha que pegar o papel lá na Companhia Docas do Rio de Janeiro, levar lá pra dentro, aí eles fazia a soma das tonelada que saiu que não saiu, pra depois eles vê quanto é que dava.

(Nathalia): Mas aí você normalmente era contratado de alguém que era contratado? É isso? Você não era escolhido?

(Álvaro): Não, eu trabalhava, eu era escolhido, eu trabalhava, entendeu? Mas quando acabava meu turno, como eu te falei, era dois turnos pra nego não ficar direto. Então eu trabalhava de seis até meia-noite, aí de meia-noite em diante aquele cara que tinha que tá ali pra fazer o trabalho, ele já tinha outro marcado, entendeu? Aí ele pagava, escolhia um pessoal de confiança dele, aquela turma que já tinha feito plantão pra fazer o plantão dele ali enquanto ele ia fazer outro, entendeu? Ele ganhava dos dois lados. Aí a gente ganhava, eu ganhava o meu que eu já trabalhei e ainda ganhava mais, mais uma coisinha por fora.

(Nathalia): E os seus irmãos trabalharam lá com você ou não?

(Álvaro): Não. Depois, uns...uns quase cinco anos depois que eu entrei pro Cais do Porto aí o meu irmão passou a trabalhar, mas ele já trabalhou direto com meu pai. Meu pai era estivador lá também, entendeu? Mas lá tinha de tudo, é bicha, tu via bicha cortando a bunda da outra. Mas é triste cara, só vê a navalha comer, nego com a cara toda arrebetada cheia de cicatriz. O Cais do Porto pode-se dizer que é uma experiência melhor do que quartel. Porque lá se tu não souber rebolar direito minha filha, tu não dura dois dias.

(Nathalia): Mas quando você foi trabalhar lá você foi trabalhar com seu pai ou não?

(Álvaro): Não, meu pai ele era estivador, mas ele...ele tinha, quando ele começou antes de ser estivador ele era pertencia ao Sindicato dos Arrumadores do Rio de Janeiro fica ali na rua, na rua do livramento. Aí conforme a quantidade de trabalho que você faz, você vai juntando uma espécie de uns cupons, sabe, tipo trabalho diário vai marcando, vai marcando, vai marcando. Quando você atinge uma meta, aí você passa de trabalhador braçal, na época era chamado de DTM, aí passa de DTM passa pra estivador.

(Nathalia): O que que é DTM?

(Álvaro): É trabalhador braçal. Os trabalhadores no Sindicato dos Arrumadores do Rio de Janeiro, ali no livramento, eles eram chamados de DTM.

(Nathalia): Sindicato dos Armadores?

(Álvaro): Arrumadores do Estado do Rio de Janeiro, ali na rua do livramento, depois da rádio 96,5 agora. Antigamente era a tupi ali, ali atrás da Central do Brasil. Aí meu pai, quando meu pai foi trabalhar ali eu trabalhei ali com ele, entendeu? Mas eu, eu sempre fui um camarada que eu nunca gostei de moleza, entendeu, que acostuma o corpo mal. Sempre gostei de trabalho bruto. Aí quando eu fiz doze anos aí eu entrei lá junto com meu pai, ele já tava separado da minha mãe já, mas eu sempre me dei bem com ele, entendeu? Aí fui trabalhar com ele, aí comecei. Tinha dia que eu pegava é... carga de tubos, aí tinha uma espécie de umas correntes pra pendura pelos ganchos. Aí quando guincha arreia a ruela e bota num guincho, aí dessa ruela vem duas correntes com um ganchinho. Aí tu prende na boca do cano. Tinha dia que era é... como é que se diz, era lingote de bronze, barra de cem quilos cada uma, mas nesse ele já vinha amarrado com fita de aço, entendeu? A gente prendia naquele palete, num cabo de aço, aí arriava na plataforma tirava o cabo de aço aí vinha a murrinha pegava e mandava pra man(?). Tinha dia era é barra de ouro, mas aí já tinha Polícia Federal e tinha dia que era muamba, era whisky, era tecido, era relógio e ali que nego, ali que a máfia funcionava. Nego roubava, nego levava pra casa aí de vez em quando eles entravam lá na boa tomava no armazém tal e já chegava pros guardas que ficavam tomando conta da portaria: ó, vou passar aqui mas o teu já tá separado, passa ali e tal. Aí ia pro navio e enchia a bolsa de negócio. Às vezes tecido, o cara saía, o cara era fino igual palito mas ele quando saía de dentro ele saía gordão pior do que dona Isaura. Mas por quê? Porque lá dentro eles tiravam a roupa e pegava o tecido, o tecido é dessa largura eles vinham dobrando aí quando o tecido ficava assim eles começavam a enrolar o tecido na cintura, no corpo todinho assim. Aí ficava aquele bolo de tecido assim aí vestia a camisa, jogava um paletó por cima e saía.

(Nathalia): Você fez amizade lá com alguém?

(Álvaro): Não, tu era obrigado a ter né, não é questão de você quiser fazer, você era obrigado, entendeu? Você tinha que se comunicar com aquelas pessoas lá dentro senão você tava perdido. Tanto que pra mais ou menos se entrosar com eles, tu vivia mais ou menos dentro do ambiente deles, entendeu? Que nem eu falo pra você que às vezes o cara, tinha cara que tirava serviço em quatro armazéns de uma vez só. Então ele trabalhava em uma e pagava três pessoas pra fazer os outros três, entendeu? Então tu tinha que fazer amizade com essas pessoas pra vê se quando tu visse essas boquinhas assim aí já tinha aquela confiança em você pra você trabalhar pra ele. Aí tu não podia deixar furo, entendeu? Ali é triste, nego mata brincando rindo pra tua cara, nego só trabalha cheio de maconha na idéia. Tem pessoas que trabalham normal, tem trabalhadores mesmo que você pode chamar o pessoal de honesto, mas bota

sessenta, setenta por cento das pessoas que trabalham ali não vale a merda que come. Ali a peça é brabo mesmo. Ali o armazém pior que tem aí é o armazém vinte e oito e trinta e dois onde só tem muamba pesada.

(Nathalia): Do vinte ao oito ao trinta e dois?

(Álvaro): Dentro do armazém trinta e dois e vinte e oito só tem carro importado, relógio rolex de ouro, entendeu? Lingote de ouro... às vezes fica a guarda federal, às vezes também tem aquela muambinha sabe? Já teve nego ali que deu uma de tirar lingote de ouro e botar outro no lugar.

Breve interrupção da entrevista para falar com um colega de trabalho. A gravação, entretanto, não foi interrompida.

(Nathalia): Depois você saiu de lá. Como que foi a sua saída de lá?

(Álvaro): Ah, eu parei, não fui mais.

(Nathalia): Mas o quê que te levou a não ir mais?

(Álvaro): Ah que eu vi que aquilo ali não era, não tava dando vida. Ali é bom assim pra você, você ter um trabalho fixo, entendeu, e você ter aquilo ali como um bico. Meu pai não, meu pai já era aposentado pela marinha, entendeu, aí também ali no Sindicato dos Arrumadores quando ele começou, aí ele já se aposentou também pelo sindicato. Tinha a aposentadoria da marinha mais do sindicato, aí depois foi pra estiva, se aposentou pela estiva, entendeu? Então pra ele... agora, pra gente não. A gente teve que correr atrás mesmo, aí agente juntamos um dinheiro, compramos essa casa que a minha mãe tem em Bangu hoje, entendeu? Aí ela conheceu meu padrasto, aí depois meu padrasto veio e faleceu, aí ela mora lá com a minha sobrinha.

(Nathalia): Você e seus irmãos que ajudaram?

(Álvaro): É, meu irmão começou a trabalhar com meu pai também, meu pai gosta da minha mãe, entendeu? De vez em quando ele vai lá dá umas birimbibinhas nela lá, é aquele amorzinho que sabe que nunca se esquece. Aí dá até graça de ver, mas aí se separaram mais por causa do ciúme da minha mãe. Porque meu pai ele sempre foi da gandaia mesmo, criado mesmo marinho, de porto em porto, depois foi beira de cais do porto a vida dele ali naquele antro ali da Praça Mauá, aquela boate Cowboy, entendeu? Meu irmão também, meu irmão foi pra lá ficar com aquelas mulher lá: pode deixar que eu sou malando. É contigo mesmo, aí pegou e foi pra essa boate Cowboy ali perto da Polícia Federal ali. Aí chegou lá começou a dançar lá com as mulherada lá, conheceu uma loura lá, beijinho na boca, aqueles negócios todo. Meu pai falou abre o olho rapaz. Pode deixar pai, deixa comigo. Aí pegou a mulher pagou bebida pra ela, pa pa pa , foi pro hotel com a mulher. Quando chegou lá no hotel a mulher tirou as calcinhas dela, era homem (risos). Aí o cacete comeu. Por isso que eu não gostava de andar com o

meu irmão. Tu ri, o troço ali era sério cara (risos). Aquilo ali é triste rapaz, ali tem pessoas mesmo que tu vê assim tu não diz que é. Tem umas que tu não vê a, como é que é aquela, Roberta Close, né? Tem voz de mulher, corpo de mulher, tu não diz. E ela operou.

(Nathalia): Operou.

(Álvaro): Então eles faz de um jeito que tu não sabe se é ou se não é. E até ali naquele antro ali você tem que ter cuidado, entendeu? Meu irmão também outro dia também meu pai salvou ele da morte também. Ele... meu irmão trabalhava com o meu pai, então quando você tira o pessoal aí você bota ele no trabalho. Aí vamos supor precisa de uma escala de dez homens, você vai lá no sindicato, né, panha um dinheiro: me dá quatro mil. Pega os quatro mil pra pagar os homens. Aí depois você presta conta, aí o dinheiro que sobra é teu, é teu pagamento, é muito dinheiro. Tem serviço ali que num dia só você tira dois, três mil dependendo do trabalho, do peso da mercadoria que tu tá tirando ou embarcando no navio. Então quando vai começar uma descarga, uma carga do navio, você paga, você dá um... chama o guindasteiro e fala pra ele: tenho x pra tu sentar o pau. Tem que ir mais rápido, tem que trabalhar mais tonelada sai e entra. Aí é uma máfia danada. Começa desde a Polícia Federal e termina lá dentro. Todo mundo come, todo mundo bebe, todo mundo (?). Até os próprios caras da burrinha que trabalha no Cais do Porto, que agora eu não sei como é que ta mais lá que foi privatizado as docas, até os caras lá os caras da burrinha eles falava com os guardas que tava ali na porta, eles levantava a mala da burrinha que nem mala de carro.

(Nathalia): O que que é burrinha?

(Álvaro): Burrinha, empilhadeira, chamava burrinha. Aí eles pegava e botava ali dentro saca de 60 quilos de café, só que era em grão né, saca de 60 quilos de café, saca de 60 quilos de arroz, saca de 60 quilos de feijão. Aí fechava a mala da burrinha e saía com a burrinha, lá pro lado de fora. Chegava ali fora ele tirava a saca e depois botava pra nego vender. É assim, tirava aqueles taco de carne inteiro, boi inteiro.

(Nathalia): Aí eles revendiam?

(Álvaro): Ou não, eles vendiam, levavam pra casa, entendeu? Tirava as partes do pessoal que ele tinha que dar pra poder sair com aquilo ali. Aí de vez em quando eu ia descarregar bacalhau do lado de fora da plataforma. Só que o pessoal do caminhão, caminhão das Sendas, do mercado Guanabara, esse mercado Guanabara, do Carrefour ia buscar quando chegava. Ai eles abriam, chegava assim, abria a caixa aí tirava dois, três bacalhau de cada caixa. Aí botava no saco de batata vazio e levava pra casa. Era maçã, eles pegavam de tudo.

(Nathalia): Você participava do Sindicato dos Estivadores?

(Álvaro): Não, eu participava do Sindicato dos Arrumadores. Quando eu tava quase pra passar pra estiva, aí eu peguei e preferi sair. Como eu te falei, que aquilo ali não é, não é fixo. Tem época, quando de julho pra agosto em diante aí começa a chegar, aí descarrega é bacalhau, é pêra, é maçã, tipo produto natalino, entendeu? Aí é aonde começa a entrar o dinheiro. Aí passou de dezembro, aí o movimento caí, caí. Aí só aqueles da antiga mesmo é que de dezembro em diante já tinha aquelas peixadas pra pegar. Entendeu, é por isso que eu preferi sair.

(Nathalia): Mas o que que você achava do Sindicato dos Arrumadores?

(Álvaro): Ali só tem ladrão e marginal ali dentro. O próprio presidente da...da...do Sindicato da Estiva eles pegava e ficava cheirando cocaína lá dentro e a (?) que eles têm, entendeu? Ali tu vê nego ali dando banda no cara assim o cara cai ali dentro ali dois, três chutando os cornos dele. É nego furando o outro com faca, tudo por besteira.

(Nathalia): O pessoal do sindicato mesmo?

(Álvaro): É e dentre eles mesmo. Bebe, fuma cheira, junta os canecos e depois não sabe se virar, sabe. Qualquer coisinha é motivo pra eles brigar, te matar. Às vezes ele não te mata ali dentro, vai embora, aí quando tu sai ele te pega lá do lado de fora já tem dois, três, quatro te esperando. Ele taca fogo no seu carro. Quando é viado ele pega a navalha corta a cara do viado todo, corta a bunda do viado, entendeu? É porque tu não passa, tu chega ali pela Praça Mauá ali pega aí, qual é o ônibus que passa ali? Tem um que passa por ali pela praça, é 178 ou 172, ele passa ali na Polícia Federal ali mesmo. Tu passa ali tu olha, fica olhando só vê aqueles viados com aqueles cortes de navalha aqui assim, com corte de navalhada aqui no braço. A bunda dele é toda recortada com navalha, quando não é navalha é gilete. Às vezes eu já vi, só que esse eu me escondi que se o cara tivesse me visto ele tinha me matado também. Às vezes tem pilha de palete assim, aí tem aquele buraco no meio, né? E às vezes os viado durmia ali que eles tinha medo mesmo do pessoal. Então, o que que aconteceu, os caras tava de butuca, quando o viado durmia eles pegava dois, três, quatro subiam em cima assim, pegava paralelepípedo e jogava em cima do cara, na cabeça do cara. De vez em quando saía no jornal é...fulano de tal sumiu. Mas por quê que sumiu, nego já tava lá no fundo d'água já.

(Nathalia): Mas você acha que eles faziam isso por quê?

(Álvaro): Ali é que nem polícia...se você não entrar no esquema eles te tira fora. Se você começar a trabalhar e não souber de nada do esquema deles, entendeu, aí eles te bota pra fora numa boa. Mas se você ter trabalhado no meio deles, souber alguma coisa dos esqueminha deles ali minha filha se for te botar pra fora eles botam de uma vez só, entendeu? Nunca que deixaria porque eles fica naquela será que o cara vai cagoetar? Vai entregar tudo pra polícia, não sei o quê. O próprio guarda federal dá um jeito de...entendeu? Pode ir embora meu irmão,

não quero mais saber você. Quando vocês tiverem saindo do navio já bate em você, você já cai do lado de fora e um abraço.

(Nathalia): Os próprios policiais ajudavam?

(Álvaro): É no conchavo deles. O que que acontece, se o pessoal da estiva parar, a Polícia Federal também não arruma nada. Porque quem faz o trabalho sujo pra eles são o pessoal que trabalha mesmo no porão do navio. Eles que pega a mercadoria lá e bota pra fora. Aí pega, vamos supor, maconha, cocaína esconde dentro do saco aí pinta um saco de amarelo. A beira do saco de amarelo. Aí quando chega lá fora sapeca dentro do armazém pra empilhar um em cima do outro aí o cara já sabe que tem negócio ali dentro quando ele empilha ele vai lá em cima pega e tira. É caixa de relógio, entendeu, que ele esconde. Faz aquela armação de saca assim, aí fica aquele buraquinho no meio aí ele enche aquilo aí de relógio, de garrafa de whisky, não sei o quê. Quando chega no policial ele bota saca em cima pra tampar o buraco. É uma máfia danada. Muitas vezes por causa disso que eu resolvi sair. Aquilo ali tava ficando além do limite.

(Nathalia): Tava perigoso?

(Álvaro): Muito! Às vezes eu dormia, qualquer barulhinho que dava eu já acordava assustado. Tem muita coisa ali. É também aquele, aquela quando o cara, quando o navio ancora aí tem aquela corda que tem uma cabeça de aço presa na plataforma. Quando o navio vai entortando joga aquele cabo pra prender ali, pra poder o negócio puxar o navio ali. Eu já vi aquela corda ali arrebentar em uma porrada só que degola o cara. Eu já vi nego botar também joga, bota o navio assim à noite quase ninguém vê. Ele joga a corda, quando ele joga, quando ele bota, vamos supor, tá aqui ele bota o cara assim aqui, o pescoço do cara aqui. Aí joga a corda aí quando o cara do navio pode puxar, aí quando o cara puxar ele degola o cara. É muita, mas muita, muita, muita coisa. Crianças que entram lá dentro pra se prostituir, entendeu? Mulheres, próprias vezes travesti. Quando rola aqueles navio as mulher vai lá dentro, os viado vai lá dentro aí os marinheiro mata a vontade (?). Às vezes é... quando o navio é assim boliviano, tipo de navio assim, aí baixa aquela porrada de carro da Polícia Federal. Aí pára, entra, dá aquela vistoria mal dada, sabe? Aí depois eles saí, vai embora. Aí depois começa o descarregamento. Às vezes é container, a caixa naquelas plataforma ali começa a descarregar, entendeu? Às vezes é mudança, que mudou dos Estados Unidos pra cá, morar aqui. Às vezes é mercadorias, é calça jeans, aquela é...uma marca que tinha aí, agora nem me lembro o nome. Às vezes pegava (?) de calça pra levar pra casa. Calça americana que vinha pra cá pro Brasil. Aí eu preferi, cara, sair antes do bicho pegar. Aí dali eu fui trabalhar na Coca-Cola, como ajudante de caminhão. Aí trabalhei ali na Coca-Cola cinco anos. Aí depois eu fui pra Manoel (?) trabalhei mais seis anos.

(Nathalia): Aonde?

(Álvaro): Manoel (?) eu levava era muito caminhão fechado de piso.

FITA 1 – LADO B

(Álvaro): Aqui pode ser o melhor lugar do mundo, cara, mas tem sócio aqui que você é ruim de aturar. O Tibério, você conhece o Tibério, não conhece?

(Nathalia): Não.

(Álvaro): Que joga tênis com o seu pai, parece até um camarão.

(Nathalia): Não conheço esse pessoal do tênis.

(Álvaro): É metido a ganhão ele, sabe como é. Então, que é marido da dona Sônia, é outra também metida pra cacete ela. Então ele tava ali na portaria ontem, ontem não, no domingo. Aí pegou e passou a carteira pro filho dele. Aí eu falei, o meu camarada não pode entrar sem carteira não. Aí na hora que eu ia falar pra ele olha quando você tiver sem carteira aí você me fala ou então você tem que ir ali na secretaria pra apanhar uma autorização. Aí, como ele tava acompanhado da mulher e tinha mulheres ali na roleta ali. Meu camarada não, você tem (?). Eu disse (?) de que rapaz? Não é assim que se fala não. Eu sou, seu filho é meu amigo, tanto é que eu (?) é o senhor. Ah, não sei o quê, não sei o quê, eu vou dar parte de você. É peguei o telefone você quer que eu chame o coronel Gama pra vir aqui agora? O coronel Gama ou se o senhor preferir eu chamo o general Paulo Assis. Ele vem aqui aí você fala pra ele: não general Paulo Assis o porteiro tava trabalhando errado, que a minha mulher chega aqui passa a carteira pro filho dela e pra ela, uma carteira só e toda vez quando meu filho chega aqui eu passo a minha pra ele entrar. Aí o senhor vai ver o que que ele vai falar pro senhor. Quem tá errado se sou eu ou se é o senhor. Ele foi lá voltou, eu tava tomando o cafezinho que nem sempre eu tomo ali, né: e outra coisa, não é hora de lanche não, hein. Você tá no horário de trabalho. Aí eu falei assim, você me faz um favor, o senhor se dirija lá dentro à terceira vice-presidência vai lá e dá parte. Aí todo dia quando ele chega aqui ele quer beliscar, sabe? Mas aí eu não tenho sangue de barata. Eu não respondo assim de brigar, entendeu? Eu só não dou trela, quando ele vem... Se a pessoa falar e você ficar respondendo a briga se estende. Agora, se a pessoa fala tu virar as costas pra ela, largar ela falando sozinha, ela pára. Você pode ver, quando ele vem, quando ele começa a falar: ó acontece o seguinte, tô trabalhando o senhor tá certo, o senhor é sócio eu sou empregado. O senhor não quer ir lá fazer queixa de mim, (?) pode se dirigir à terceira vice-presidência, vai lá. Mas só que antes de ele ir, eu já fui lá dentro já falei com o homem tudo que se passava. Ó o que que tá havendo é o seguinte, ele chega lá não quer que o filho dele passe a carteira dele, que ele é filho. Ele gosta de ficar se amostrando pras mulher, entendeu, pras sócia não sei o quê. Ele gosta de se amostrar, metido a ganhão. Então o que que acontece, todo dia quando ele passa lá ele fica implicando. É... não se preocupa, deixa urubu fazer queixa aqui dentro que eu cuido dele. Quando ele passa ali por mim eu falo me faz um favor, se dirija à terceira vice-presidência pode fazer queixa de mim lá dentro. Eu não tenho medo. Se eu sair daqui do clube eu só garanto uma coisa, eu não morro de fome. Tenho meu dinheirinho no banco, tenho minha casa própria, não pago. Só

não tenho carro porque não quero, porque não gosto, entendeu? Porque carro é pior que família, é mais é verdade. Se você fosse, por exemplo, minha mulher ia gastar o quê? Trinta reais pra comprar um sapato pra você, mais quarenta pra comprar uma calça. E agora tu vai botar lá, pra trocar um pneu do carro é duzentos contos, não é? O cara te deu uma pancadinha ali tu vai gastar cento e cinqüenta, trezentos pra desamassar o carro, mais duzentos e cinqüenta pra pintar o carro. Você tem que pagar o seguro do carro, se nego te levar tu fica sem nada. Faz a soma disso tudo aí. Eu prefiro ter minha casinha, minha casinha tem a minha televisão de 29 polegadas no meu quarto, tem uma de 20 no do meu filho que eu jogo vídeo game todo dia com ele quando eu chego em casa, tem uma de 20 na sala, tem uma de 14 na cozinha. Tem minha cama boa lá, meu guarda roupa de 12 portas. Tem minha sala é três...era o quarto da minha mulher, a sala e a varanda, só que a minha varanda era cumprida, aí eu cortei a minha varanda pela metade. Ficou essa minha varandinha, aí a outra metade aqui eu fiz um salãozinho. Ficou o salão onde era a sala e eu abri um arco no meu quarto, aí fiz tudo ai, entendeu? E na parte de cima botei uma escadinha e fiz dois quartos em cima, que são pra mim e pro meu filho. Não esquento a cabeça com (?). Tem um bico que eu faço num prédio. Já teve sócio aqui que já quis me carregar pro prédio pra trabalhar lá, me ofereceu dinheiro. Só que trabalho de condomínio também é um trabalho incerto. Porque você trabalha e sempre tem aquele síndico que entra que não vai com seus cornos. Aí você vai pra lá e ele te manda embora e aí? Por isso que eu nunca quis sair daqui, porque senão já tinha saído a muito tempo. Porque aturar isso aqui dentro é triste. Você vê o Brasa, o Brasa era gerente do hotel, todo mundo gostava do Brasa e gosta até hoje, entendeu? Aí o coronel Gama tirou o Brasa pra botar a filha da dona Isaura. Tinha outra moça que trabalhava aqui no hotel também, chefe das camareiras do hotel chamava Rosis, Rosislene. Era uma moreninha que namorava o Sandro. Aí tanto fez, tanto fez, tanto fez, que mandaram a mulher embora e ela ficou no lugar dela. Tem a Rosângela que é namorada, é mulher do Severino. Ela não tá, é tipo uma sub-gerente. Então tem as peixadas. O Alberto, o Marciano e aquele que fala um abraço, flamenguista, eles eram acessoristas lá em baixo na Rio Branco. Aí tercerizaram, eles iam ser mandado embora. Aí o coronel Eliano, na época ele era daqui, aí ele pediu: escolhe os três melhores daí e manda. Aí escolheram quatro, foi o Josias, o Pai-Bola, o Marciano e o Alberto. Mas só que antes de mandar eles pra cá, como eles eram pegados nos chefões lá embaixo, todo dia subia e descia no elevador, aí eles pegaram e promoveram eles de acessorista pra auxiliar administrativo. Aí quando eles veio pra cá, eles já veio ganhando novecentos e poucos reais, enquanto nego aqui tava ganhando trezentos e sessenta e pouco. Como é hoje, eles tão ganhando novecentos e pouco, mil e pouco e a gente aqui na portaria tá ganhando quatrocentos e noventa e sete. O coronel Gama já quis botar o flamenguista lá no hotel e um cara exclusivamente só pra ensinar ele a mexer no computador. Ele não quer, ele quer ficar lá na garagem. Lá na garagem ninguém toma conta dele, ninguém manda nele, ele tem o salário dele, tem o bico dele que ele faz lá embaixo. Sábado ele vai lá pra baixo, fica tomando conta dos carros lá embaixo.

(Nathalia): Lá embaixo aonde?

(Álvaro): Lá na Rio Branco. Fica aqueles carros ali em volta do clube, aí então fica sempre um pessoal do clube, entendeu? O pessoal do Mourão que fica ali. Eles vão pra lá ajudar lá, aí tira mais uns trocados dele lá.

(Nathalia): Mas no hotel ele ia ganhar mais?

(Álvaro): Que hotel?

(Nathalia): Se ele fosse aqui pro hotel em vez de ficar ali, na garagem?

(Álvaro): Mas ele não quer, ele ia ganhar a mesma coisa.

(Nathalia): Ah, a mesma coisa.

(Álvaro): Entendeu? Ele tinha que ganhar igual porteiro, que ele tá trabalhando como porteiro, mas não, ele tá ganhando como auxiliar administrativo e fazendo o serviço de porteiro.

(Nathalia): Quem que ganha como porteiro, você?

(Álvaro): É eu, o Ivonaldo...eu, Ivonaldo e...e era o Luisinho que foi mandado embora.

(Nathalia): E como é que é a sua relação com esses outros que não ganham como porteiro?

(Álvaro): Deles todo, o que eu me dou bem mesmo é só o Marciano e o Pai-Bola, só com eles mesmo. Eles são tipo uns camarada que se você depender deles, se eles puder ajuda. Pai-Bola de vez em quando, Pai-Bola ele quer sair com a mulher dele ele chega: pô dá pra tu tirar o plantão pra mim? Aí eu faço o meu trabalho e o trabalho dele. Mas quando eu preciso eu falo: Pai-Bola vai lá tirar pra mim, meu irmão, que amanhã eu vou descansar. Aí ele vem e trabalha pra mim. O Marciano também. O seu Ivonaldo então nem se fala, aquele ali é gente finíssima, mas já o Alberto não. O Alberto, o Gilberto, aquele paraibinha que fica na garagem. Aquele ali tu não pode contar com nenhum dos dois. Eles arrumam logo uma desculpa: não posso tenho que levar a mulher no mercado, tenho que levar meu filho no médico. É esse tipo de pessoa que você não pode contar com eles. Você vê aqui ó, a diretoria fala que não tem dinheiro...falar de todos os defeitos, a melhor diretoria que teve aqui pra funcionário aqui dentro é essa atual que tá aí. General foi lá embaixo falou que é pra fazer reparação salarial dos porteiros, entendeu? Ou paga igual ou então pega os três e tira fora. Coronel Gama quis botar o Alberto pra trabalhar aqui dentro da secretaria, Alberto não quis. Porque ele falou que não tem capacidade de trabalhar ali dentro, ele prefere ficar ali na portaria. Ele não quer, por quê que ele não quer? Porque aí vai ter que ter um chefe, aí o chefe vai tomar conta dele. Se o flamenguista fosse pro hotel a dona Isaura ia ficar em cima dele e na garagem ninguém toma conta dele, ele faz o que ele quer. Aqui se o Alberto

viesse aqui pra secretaria na época era o Moreira, você conheceu o Moreira né, gente finíssima. Hoje não, hoje é essa merda que tá aí.

(Nathalia): É uma menina, né?

(Álvaro): É, aí qualquer coisa, se mijar fora do pinico na mesma hora ela vai lá dentro e te entrega pro general.

(Nathalia): Ela também é peixada?

(Álvaro): Ela é. A mãe dela é conhecida da mulher do general Paulo Assis, joga baralho com aquelas coroas lá em cima. Aí é por isso que eu digo...quando o Moreira saiu, foi se aposentar que tava com uns problemas no pulmão aí pegaram e botaram ela.

(Nathalia): O que que você acha dessas, desses favorecimentos que acontecem aqui?

(Álvaro): Vou te falar que é um troço que eu acho errado. Ao invés de dar oportunidade às pessoas que já tá trabalhando, que já tem conhecimento, não eles dão chance pra outras pessoas que vêm de fora. Ao invés de dar valor a quem já tá aqui dentro, não dar valor pra quem vem de fora. Ela quando entrou aí, ela já entrou como chefe de secretaria, mas não entendia merda nenhuma. Quando ela entrou, o Moreira ainda tava ali. O Moreira que assinava o caixa, o Moreira que assinava a documentação e ela ganhando como chefe de secretaria. Aí tinha uma outra loura de óculos ali que ficava tomando conta também. Você vê tipo uma coroinha que tinha ali dentro também trabalhando com ela ali. Aí ela pegou e tirou, o coronel Gama mandou aquela coroa embora e aí botou a irmã do Russinho, que é essa que tá aí agora. Agora tá tudo em família ali dentro. Max, que é o Russinho, que nego chama de Russinho, aquela ali agora é a irmã do Russinho. Outro que trabalha ali dentro é a primo do Russinho, é tudo uma família. E tem outra coisa também, eles esbanjam dinheiro, cara. Você vê ali dentro do coronel Ricardo, por exemplo, pra que que ele quer quatro pessoas trabalhando ali dentro com ele? Lá dentro pra trabalhar com coronel Gama são seis pessoas.

(Nathalia): Todos conhecidos deles?

(Álvaro): É tudo panelinha. Dentro do almoxerifado tem quatro. O general Paulo Assis tem duas secretárias, entendeu? Eles dão que são pedidos que nego faz, sabe? Tudo na amizade, não sei o quê, pa pa pa. E assim vai, eles vai gastando dinheiro. Tem coronel que entra aqui que ganha aqui dentro aqui, que ganha salário de dois, três, quatro mil reais. Pra fazer o quê, pra fazer nada. É fiscal, fiscal de que? Aí ganha vale transporte, ganha ticket refeição, ganha salário e os funcionário aqui fica perdido. É obrigado a arrumar outro emprego fora, entendeu? Se arreentar e ainda acabar com a saúde da pessoa pra poder complementar a renda. Eu no meu caso tenho eu dois filhos. Meus dois filhos tão, graças a Deus, tão em colégios particulares. Minha esposa, ela é funcionária federal, trabalha no

INSS. Então ela ganha, o salário dela mesmo é cento e cinquenta e quatro reais. Mais aí coloca aquelas vantagens que esse pessoal tem aí o salário dela chega a dois, três mil. Então ela paga o colégio da garota e eu pago o colégio do garoto. E uniforme, material de escola, é merenda, é dinheiro de passagem, entendeu? Chega natal tem que comprar as coisas pra dentro de casa e aí se a gente não rebolar o bicho pega. Tem necessidade pra fazerem essas obra toda aí? Isso aí é obra superfaturada, cara. Quando construiu esse banheiro aqui, por quê que não colocou o pessoal do clube pra fazer? Foi pagar a firma pra fazer aquela merda de banheiro que tem ali dentro? Quando foi reformar aqui esse banheiro do corredor aqui ou então aquele vestiário lá dentro por quê que pagou empresa pra fazer? Porque o dono da empresa era sócio do clube, é milico. Superfaturada a obra e tem dinheiro que vai uma comissão por fora. Você já foi à sauna?

(Nathalia): Não.

(Álvaro): Experimenta um dia tu ir na sauna. Vê se teu pai te paga uma massagem pra tu entrar ali dentro.

(Nathalia): Ali foi reformado, né?

(Álvaro): Quem fez aquilo ali foi funcionário, foi o Brás.

(Nathalia): Quem é Brás?

(Álvaro): Brás, o marido da Tatiana que era gerente do hotel. Esse que tá colocando o piso de lá pra cá.

(Nathalia): Ele tem uma empresa?

(Álvaro): Não, ele é funcionário do clube. Ele é gerente do clube, só que ele é gerente de manutenção. Então quem pegou a reforma da sauna foi ele. Quem fez esse chão todinho aqui que tá botando piso de lá pra cá é ele e os funcionários do clube. Por quê que pagou pra fazer isso aqui, se isso aqui até ele faz? Isso aqui quem fez isso aqui foi o, foi aquele rapaz que é marceneiro do clube. Por quê que pagou uma baba alta pra fazer aquilo lá? Essas paredes aqui todinha quem fez isso aqui foi os funcionário do clube, quem fez o rebaixamento do teto aqui foi tudo funcionário do clube. Não tem necessidade de você pagar, gastar dinheiro se você pode investir dentro do clube. Que nem agora, o clube vai ser processado, conhece o Daniel?

(Nathalia): O Daniel que joga futebol?

(Álvaro): Gustavo...

(Nathalia): O irmão do Gustavo, sei.

(Álvaro): Eles vão processar o clube.

(Nathalia): Por quê?

(Álvaro): Porque ele deu uma bolacha no irmão dele aí dentro aí teve duas sócias que viu mas não sabia que era irmão: é uma covardia esse grandão, não sei o que... fica batendo numa criança, não sei o que. Aí os outros sócios que tava ali levantaram e foram querer ir lá falar com ele, aí ele mandou todo mundo pra aquele lugar, não sei o que. Chegou o coronel Ricardo aí gritou querendo botar ele pra fora: saí que quem tá mandando sou eu e não sei o que. Aí: eu não vou sair nada. Foi lá pra dentro do ginásio e não saiu. Ficou com cara de tacho, sem moral. Aí, o que que aconteceu? O pai deles é advogado, é advogado da pesada e vai processar o clube. Porque não podia, aquilo foi tipo uma humilhação que ele fez o rapaz passar. Porque ele é militar, ele é diretor do clube mas não pode fazer isso. E vai morder um dinheiro, entendeu, porque eles tão errados. Ele não tem que se meter em briga de família. Se ele soubesse mais, aplicar melhor o dinheiro do clube outras obras que têm mais necessidade já era feita. Mas é uma baba pra fazer essas coberturas aí, mas quando chove o chão fica cheio d'água, que eles encostaram o troço na parede mas não botaram nada pra vedar, que a água quando bate na parede escorre. Aqui não, que aqui ainda cai aqui pelo canteiro. Mas aqui no corredor aqui, ali na lanchonete fica cheio de poça d'água. Gastaram dinheiro, gastaram uma fortuna a troco de nada.

(Nathalia): Mas como patrões você acha que...

(Álvaro): Ah, eles aqui antigamente o pagamento da gente era feito todo dia 30. Aí do dia 30, passaram pro dia 03. Aí do dia três já jogaram pro dia 05. Pagamento deles, nosso adiantamento isso é tudo dia 22. Isso eles nunca atrasaram, entendeu? Mas eles tem uma coisa de ruim que é...o feriado caí numa segunda-feira aí eles ficam fechados sexta, sábado, domingo e segunda, só volta a trabalhar na terça. E a gente aqui trabalha direto e eles ganham a mesma coisa que a gente lá e eles ganha muito mais que têm as vantagens deles. Tem os conchavos que eles têm lá embaixo.

(Nathalia): Eles quem? Os coronéis que você tá falando?

(Álvaro): Os coronéis, aquelas mulheres lá embaixo que andam com os coronéis, entendeu? Aquilo ali é máfia, ali dentro só tem máfia ali. Pra tu vê, pra você ter uma idéia, pra que que eles querem doze, quinze pessoas pra fazer um conselho? O coronel Gama, quando ele entrou aqui ele trabalhava de graça, na gestão do Ibiapina. Aí o Ibiapina saiu, entrou o coronel Eliano, o general Paulo Assis. Aí chamou o coronel Gama pra continuar, aí o coronel Gama falou que só continuava se fosse pago. Quer dizer, o coronel Gama tira aí três, quatro mil reais aqui fora o salário dele de militar. Ele já é de reserva. A mulher do coronel Mussi, é delegada florestal. O coronel Mussi trouxe a mulher pra trabalhar também. Assistente de assistente social. Ganha uma baba, ganha vale transporte, ticket refeição. Quer dizer, esse é um dinheiro que eles podiam aumentar o salário dos funcionários e deixa de aumentar porque fica gastando dinheiro. Até a mulher do general Paulo Assis mesmo também ganha, dorme aí de graça, come de graça e a

gente...Quando tem festa do assistente social, do departamento social nem lanche a gente ganha. A gente fica ali fora, eu não que eu me viro. Quando já começa a festa assim, eu: valeu (?) fica aqui. Eu subo lá em cima com saco de supermercado quando desço, desço com o saco cheio de salgado. Porque se depender deles, maluco, tu fica sem comer mesmo. Fica se matando aí, se mata mas não, não tem. E ninguém quer vir trabalhar aqui.

(Nathalia): Aqui na portaria?

(Álvaro): Ninguém.

(Nathalia): Por quê?

(Álvaro): Porque sabe que aqui é uma merda. O faxineiro se ele quiser pega a vassourinha dele, da uma varrida aqui, uma varrida ali, vai lá pra trás e senta. Aí volta, pega a lixeira, descarrega, pa pa pa e senta. O cara dentro do banheiro, deita e tira um cochilinho daqui a pouco dá mais uma varridinha, pa, pa e senta. Ali não, ali tu é obrigado a ficar direto. Tu tem que se preocupar em tomar conta dos filhos dos sócios, os pais senta o rabo ali pra tomar chope ali e esquece que o filho existe. Aí depois: ah, você viu meu filho aqui? Ó meu senhor aqui não passou ninguém não. Tem que tomar conta dos maridos das mulhé. Que as mulhé liga pra cá pra saber se o marido tá jogando, que horas que o marido vai sair, se ele já saiu. E muitas coisas também mais que acontece aí dentro, cara. Tem que se preocupar com ela que fica te vigiando. Tem que tomar conta de telefone, tem que tomar conta de portão, tem que tomar conta de roleta e é só uma pessoa.

(Nathalia): Mas se você pudesse ter outra função aqui, você sairia da portaria?

(Álvaro): Eles não te dão essa oportunidade. É o que eu te falo, aqui é tudo peixada. Ó, o Russinho ele entrou aqui foi pra uma obra, aí foi trabalhar pro Seixas Marques. Conheceu, um vascaíno?

(Nathalia): Não.

(Álvaro): Seixas Marques que jogava tênis.

(Nathalia): Ah, conheci.

(Álvaro): Então, aí ele levou o Russinho pra trabalhar no tênis. Aí do tênis botou o Russinho aqui dentro do ginásio, aí do ginásio jogou ele pra secretaria. Aquele Salsicha, ele era ajudante de pedreiro do João, que faleceu. Teve um negócio aí, levaram pro hospital. Aí aplicaram a injeção nele aqui que ele quebrou, quando ele caiu quebrou esse osso aqui, aí quando chegou no hospital aplicaram nele também. Ele entrou em coma e morreu. Morreu forte pra caramba, com vinte e poucos anos. Aí tiraram ele de ajudante de pedreiro e botaram o Silva lá dentro e ele foi pra lá também. O Marquinho, que hoje tá aí, é o gerente daqui. Ele entrou no lugar do Russinho no ginásio, aí dois dias depois passou a gerente.

(Nathalia): E eles conhecem os coronéis por fora?

(Álvaro): Conhecem, têm peixada. A pessoas quando entra aqui já vem indicada.

(Nathalia): Mas você não veio indicado?

(Álvaro): Não, meu ele sogro já trabalhou 50 anos, ele já faleceu. Ele, seu Jarbas, o irmão dele, ainda continua trabalhando lá embaixo. Então, na época era o coronel Hugo, um grandão. Ele faleceu também, o coronel Hugo. Aí ele me botou aqui, só que na época o terceiro-vice aqui era o, agora me esqueci o nome dele, coronel Serrano. Era o terceiro-vice daqui. Aí eu peguei e entrei aqui, mas só que eu já entrei na portaria. Botei lá no meu currículo tudo o que eu sabia fazer, mas eles me botaram aqui.

(Nathalia): Você não chegou a ter oportunidade?

(Álvaro): Eles não dão, cara. Prefere dar pra outras pessoas, entendeu, e botar. Você vê, por exemplo, quando o Pai-Bola veio de lá era pra ele vir com um salário de acessorista e ganhar como porteiro aqui, mas já mandaram eles como auxiliar administrativo ganhando uma baba. Ele quis botar o Pai-Bola lá pra aprender a mexer no computador. Ia botar uma pessoa exclusivamente só pra ele, ia mandar ele lá pra baixo pra dentro, lá pro negócio de curso, né, pra quem é funcionário do clube. Mas ele não quer, não quer ninguém tomando conta dele. Não quer ninguém fica com...preso num lugar. Aí quando aparece o bico dele ele quer ir fazer, pra ganhar o dinheiro dele por fora. Quis botar o Alberto aqui na secretaria, o Alberto não quis. Agora, por quê que quando ele quis fazer isso, bom já que o Pai-Bola não quer, vou pegar o Ivonaldo ou então vou pegar o Álvaro, vou botar ele lá pra ver o que que ele faz. Ele quis botar o Alberto aqui na secretaria, por quê que ele não pegou outro funcionário e botou? Aí ficou só o Russinho, o Salsicha, né, que ele é irmão do Marcio e o Moreira. Só ficou os três. Aí quando foi e botaram a Lia ali dentro. Aí depois o Moreira saiu e botaram a coroa ali, a Lia fez tanto que a coroa foi mandada embora aí botaram a irmã do Marcio. A Márcia da terceira-vice, a secretária do general, ela foi pegou o filho dela e botou o filho dela pra trabalhar lá embaixo no almoxerifado. Ele não fazia nada, era coçando o saco o dia todo, só brincando no computador. Aí depois, ele mesmos pegou e falou que não queria mais, aí pegou e largou. Saiu foi embora. Então é só peixaria mesmo. A coisa, a Vanessa pegou e saiu do clube. Aí quando viu que o bicho pegou...

FITA 2 – LADO A

(Nathalia): E a sua mulher, ela sente, ela reclama que sente a sua falta porque você tem que trabalhar muito?

(Álvaro): Ela reclama, cara. Hoje mesmo ela já ligou umas quatro, cinco vezes pra cá já. Aí a gente fala que tá trabalhando ela não acredita não.

(Nathalia): Não acredita?

(Álvaro): Ela pensa que você tá na gandaia. Às vezes quando tem festa a gente, eu mesmo eu prefiro, eu pego meu período de sete às...sete. Aí chega às sete da noite tô indo pegar de oito até duas, três horas da manhã. Então você não vai embora, tu é obrigado a dormir. Aí no dia seguinte você pega. Já teve dia, teve final de semana aqui, que chega perto de dezembro aqui tem muita festa. Então já teve tempo aqui de tá escalado em duas, três festas seguidas. Eu pegava meu horário de onze às sete, aí pegava de oito até às duas da manhã. No dia seguinte eu pegava de onze às sete, depois pegava de novo de nove até às três da manhã. Aí no dia seguinte pegava de onze às sete, depois ficava de novo até...Aí ela pensa que você tá na sacanagem no meio da rua. Porque você fica aqui, aí você não tem como se comuni, não tem como ligar. Às vezes tu é obrigado a comprar um celular pra ela, quando ela quer tomar conta ela liga, passa mensagem, eu respondo, aí ela liga pro celular depois que fecha aqui, entendeu? Aí de vez em quando ela não quer ligar, dá uma de querer ser esperta, aí manda o filho ligar: pai não sei o quê...Aí tu escuta lá no fundo (sussuro). Aí essas coisas a gente vai levando, cara, eu não esquento mais com nada. Procuro viver minha vida, curtir meus filhos, minha família, passear, entendeu? A gente vai ao Cristo Redentor, sai no carro do meu cunhado, aí pega ele e vai pra Barra da Tijuca, Recreio. Ele toma o chopinho dele, eu tomo meu suco de laranja, come um camarãozinho e vamo levando. Vamo lá pro Terra Encantada, vai pro Parque da Mônica. De vez em quando não quero sair, pego meu filho e vou lá pra loja de vídeo game, fico brincando com ele, ou então fico jogando com ele em casa. Às vezes eu levo ele, quando ele, quando eu vou panhar fita na locadora. Aí ele chega: ó pai tô lá, hein? Eu: tá legal, meu filho. Chego lá no filme infantil: pô, cadê esse moleque? Aí quando tu vai olhar ele já tá na prateleira só de fita pornô (risos). Eu levei ele uma vez lá pra...na locadora aí eu mostrei pra ele as fitas. Aí ele chega lá e fica doido. Aí fica lá só olhando as bunda das mulher, aquelas mulher que fica pelada na capa.

(Nathalia): Quantos anos seu filho tem?

(Álvaro): Oito, mas tem uma garota de doze. A garota de doze ela já vai agora já pro...se passar vai pro terceiro ano ginásio. Tá faltando um ano só pra ela terminar o ginásio, com treze, quatorze anos ela termina o ginásio. Então, quer dizer, a gente já tem que começar a pensar né no, no segundo grau. É segundo grau, né?

(Nathalia): É.

(Álvaro): Que aí os livro já é bem mais caro. Tem quinze anos dela. Eu já falei logo pra ela: ó, besteira tu fazer quinze anos. Vai gastar uma baba, todo mundo vai comer e depois ainda vai sair falando (risos). E não é verdade, nego sai. É mais lucro você pegar o dinheiro, ó vai gastar seis mil, tu pega três e bota na tua poupança pra você. Compra uma moto Biz, que você quer. É muito mais lucro pra você do que fazer festinha de quinze anos pra encher o rabo dos outro. Tem que ir levando, minha filha que...

(Nathalia): E você faz planos pra eles?

(Álvaro): Planos?

(Nathalia): É.

(Álvaro): Planos, como assim?

(Nathalia): Você quer que eles terminem o colégio?

(Álvaro): Lógico! Se eles quiser trabalhar vai trabalhar, mas não vai parar o estudo. Porque aí é aquele negócio, eu não quero que eles passe pelo o que eu passei, entendeu? Aí mesmo, muitas vezes já me deu até vontade de me separar da minha mulher. Porque minha mulher ela é o seguinte, ela é...meu sogro, o primeiro emprego dele foi no clube militar. Então naquela época era rígido, tipo regime militar mesmo. Então meu sogro foi criado nesse meio e criou os filhos assim, entendeu? Então minha mulher, o quê que acontece...meu cunhado, ele é gente finíssima, mas só que ele foi acostumado na mordomia. Tudo que ele quer os outro faz pra ele. Então às vezes eu brigo com a minha mulher por causa disso. Eu vejo que ela chega cansada, chega dia de sábado, domingo o almoço é na casa da mãe, entendeu? O irmão dela vai lá pra casa, na minha casa não, que na minha casa ninguém nem entra. Vai pra casa da mãe dele que é a mesma casa. Aí chega lá e fica lá sentado no sofá, fumando um cigarrinho, tomando um cafezinho, uma cervejinha, um negócio de um vinho. A mulher dele fica em casa, arrumando a casa, enquanto minha mulher e minha sogra se esbarracham na cozinha. Aí quando eu chego em casa: ah, tô cansada. Foda-se. Você não quer? Eu canso de falar pra você, você fica carregando umas bruxa que tu não merece. Então não reclama, cara, assume as coisas que tu faz. Chega em casa, vem direto pra casa, almoça, toma um banho, deita, descansa. Você vê, chega em casa duas, duas e meia, três horas. Porra, pega dorme até às cinco, seis horas, tira um cochilo legal. Depois acorda pra ajudar as criança a fazer um trabalho, ajudar a fazer uma revisão. Que eu só chego em casa oito e pouco. Saio daqui sete, é uma hora e meia duas horas de viagem. Ajuda as criança a fazer trabalho. Mas não, ela quer...sai lá, vem pra, vai direto pra casa da mãe. Aí vai lá almoça na mãe, fica lá até cinco, seis horas conversando. Depois vem pra casa, aí vai ajudar a fazer dever, depois ela vai tomar banho, aí vai querer passar roupa, entendeu? Aí quando ela pára, ela já tá morta. Aí ela tem que levantar cinco, cinco e meia da manhã, que ela sai seis, seis e dez de casa. Então quer dizer...ela fica puta comigo: ah tu não esquentar a cabeça com porra nenhuma. Vem cá mulher, falta comida dentro de casa, não. Tem fruta na geladeira, tem. Falta alguma coisa na (?).

(Nathalia): Ela acha que tu tem que esquentar a tua cabeça com o quê?

(Álvaro): Com o pessoal dela. Eu, quando eu posso ajudar eu ajudo, mas quando eu vejo que o troço tá passando dos limites, aí eu paro. Você vê, o meu cunhado, ele não quer ter responsabilidade de ter cartão de crédito, mas gosta de usar o

cartão dos outros. Aí ele que ele quer botar gasolina, aí chega lá pra me pedir. Aí eu tenho que sair de dentro da minha casa pra ir lá no posto pra colocar gasolina pra ele. Se ele quer dinheiro no Banco do Brasil, minha esposa trabalha num prédio, o Banco do Brasil é embaixo, ele dá o cartão pra minha mulher e a minha mulher tem que sair do trabalho dela pra ir lá no Banco do Brasil panhar dinheiro pra ele. Se ele quer comprar um negócio do carro, ele pede a minha mulher, pra minha mulher ir com o cartão dela pra comprar pra ele. Aí eu peguei, parei, entendeu? Aí aqui no posto Ipiranga aqui tá dando um negócio aqui da Ipiranga Mastercard, abasteci aí e dei a proposta pra ele: ah, não quero não, qualquer coisa eu te peço. Aí meu irmão, então daqui pra frente tu não me pede mais porra nenhuma. Tô cansado, cara. Tirei meu cartão do Itaú, quando eu abri minha conta lá, o cara me deu o limite de mil e seiscentos. Aí eu cheguei: pô, eu não uso esse troço todo, então eu mandei fazer um adicional pra minha mulher. Aí: qual o limite do adicional? Não, pode botar o limite total do cartão. Não demorou muito, ela estoporou tudo, entendeu? É comprando bagulho pro irmão, a gente comprou uma bicicleta ergométrica pra mim. Quando eu chego em casa eu dou umas pedalada, ela dá também. Pra não ficar com o corpo parado. Eu que não tenho condição de correr aí faço isso em casa. Aí o irmão dela: ah, quero uma também e não sei o quê, tira no seu cartão (?)

(Nathalia): Mas ele paga depois?

(Álvaro): Às vezes, às vezes. Tanto é que nesse cartão do Itaú, eu mandei fazer o Black Star, que é cartão pra criança de doze anos que você dá um limite pro cartão. Você só, sei lá, ela pode gastar cinqüenta reais. Então o limite do cartão dela só é só até cinqüenta. O que ela gastar vem na sua fatura, pra você pagar. Nem isso a minha filha pode usar mais, ela estoporou o cartão, o cartão tem limite. Aí quando eu queria usar o cartão, também não podia. Aí, o quê que eu fiz? Fui lá no Itaú aí tirei um Dinner Club pra mim.

(Nathalia): O que que é Dinner Club?

(Álvaro): É cartão.

(Nathalia): É um outro cartão?

(Álvaro): É. (?). Aí é cartão de crédito, só que é Dinner. Aí o Dinner pra mim tem um limite de mil e oitocentos. Aí quando ela fala: ah, mas. Eu digo: ó, eu te dei um cartão com o limite de mil e seiscentos reais. Eu, quando eu faço minhas compras, eu compro mas eu já to pensando como é que eu vou pagar aquilo, sabe? Aí eu compro é...por exemplo, eu comprei uma televisão vinte e nove polegadas. Então, pra pagar aquilo em dez vezes. Que é dez de cento e quatro (reais). Aí vou ali compro uma roupa. Aí deu duzentos. Parcelo isso aí em quatro vezes, que dá cinqüenta (reais), com cento e quatro, são cento e cinqüenta e quatro. Aí eu vou lá e compro um tênis pros meus filhos, mais cento e cinqüenta. Parcelo em quatro. Cento e cinqüenta dividido por quatro dá o quê? Trinta e sete e uns quebrados. Juntando, dá cento e oitenta. Então, com o salário que você tem aqui, dá pra

segurar os cento e oitenta e pagar as parcela inteira. Só que ela não, ela compra, compra, compra, compra e na hora que vem a fatura ela paga o mínimo, entendeu? Porque ela gosta de usar, comprar as coisas pra mãe. Eu falei assim: ô Marina, quando agente puder, a gente comprar uma televisão 29 polegadas pra botar no nosso quarto. Falei: pô, a minha mulher merece, tem que dar valor a mulher que tem em casa. Só que como a minha mulher tá ferrada, então vou fazer uma surpresinha pra ela e vou comprar a televisão. Tirei dinheiro da onde não tinha, pra comprar a televisão que ela queria. Aí comprei, botei lá o requezinho, pequenininho no quarto, pra botar a televisão. No dia seguinte, a minha mulher foi na mesma loja e comprou uma tele, uma, uma estante grandona e a mesma televisão de 29 polegadas e deu de presente pra mãe.

(Nathalia): A estante também?

(Álvaro): Por aí você vê que eu falo que ela quer carregar uma cruz, entendeu? Que ela gasta o dinheiro que ela não tem necessidade de gastar, pra querer agradar a mãe. Tudo bem que ela toma conta do filho da gente quando agente trabalha. Mas tudo dentro daquele, daquele limite. Aí eu fico pensando, não falo nada, mas fico pensando: porra ela queria comprar uma televisão, não tinha condições. Porra, me desdobrei pra pagar o troço que eu quase não podia pagar pra dar de presente a ela. E no dia seguinte ela vai lá e dá a mesma televisão e dá mais uma estante ainda, grandona mesmo. E tá aí pagando. Aí, quer dizer ela, porra, quer aumentar a cozinha, entendeu? Aí eu vou aumentar a cozinha. Aí na cozinha aí já vem é (?), é piso, já quer botar um mármore assim na parede no canto pra fazer tipo um balcãozinho. Bota, quer botar bota. Pra depois, tudo é pra não esquentar minha cabeça. (?) no dia que eu morrer, ela morrer, aquilo ali vai ficar pros meus filhos mesmo. Que meu sogro, ele tinha duas casa. Deu uma pro filho morar e essa que a gente tá morando. Só que a casa era muito grande, então ele dividiu a casa no meio, fez duas casas. A minha casa, tu vai na minha casa lá, tu diz que a minha casa é casa de rico. Que a minha esposa, ela tem esse problema, então ela compra um móvel, ela só compra móvel de primeira qualidade. Não, não compra móvel assim nas Casas Bahia. Ela só vai nessas lojas mesmo de...que nem nego fala, de grife. Então, só tem lá em casa só tem do bom e do melhor. Piso, escada de mármore, corrimão de alumínio, entendeu? Casa de dois andares, quarto lá em cima, todos dois tem duas suíte. Entendeu? Por isso que eu falo que eu não esquento a cabeça. Não bebo, não sou farrista. Eu saio daqui pra minha casa, da minha casa pra cá. Às vezes eu durmo aqui porque eu largo dez horas da noite. Se eu for sair daqui pra ir pra minha casa, chego em casa meia-noite, meia-noite e meia. Aí eu tenho que levantar cedo amanhã de manhã pra voltar pra cá. Esse mês que eu to tirando as férias do Ivonaldo, eu faço isso, eu durmo um dia e amanhã eu vou embora pra casa. Vou trabalhar no outro dia aqui, no dia seguinte. Eu durmo aqui um dia, chega em casa a mulher dormindo, o filho dormindo. Quando eu acordo de manhã a mulher já saiu pra trabalhar. Eu que devia de reclamar, não é (risos)? Eu chego em casa eu não tenho mulher, só vejo o meu filho quando eu acordo, que ele me acorda pra eu levar ele pro colégio. Aí eu chego em casa olho pra parede, olho pra um lado olho pro outro não vejo ninguém, troco de roupa e venho trabalhar. Por isso que

nego fala: tu gosta do clube, seu horário é só onze horas, mas você chega aqui nove horas da manhã, nove e meia, entendeu? Por que às vezes eu me sinto sozinho dentro de casa. Eu não falo nada pra mulher, que eu não quero perturbar, não quero negócio de arrumar briga. Mas às vezes eu me sinto sozinho, que não tem ninguém.

(Nathalia): Aí quando você chega antes você fica conversando?

(Álvaro): Eu fico conversando com o pessoal aqui, troco minha roupa, venho logo pra portaria. Você vê que às vezes nego fala: ah, a gente chega ali tá sempre você aqui (risos). Eu fico aqui, cara. Às vezes eu não quero ficar aqui, eu fico lá atrás, deito lá no tatame, ligo a minha televisãozinha. Às vezes fico jogando dominó com o pessoal. Aí de vez em quando venho pra cá não tem ninguém aqui. Eu boto uma roupa, um tênis, vou dou uma volta, duas voltas na Lagoa, olhando os prédios, a paisagem. Às vezes tu faz uma amizade, pára, toma uma água de côco, entendeu? Fica conversando com os outros. Aí não fico em casa. Só fico em casa mesmo quando não tem jeito. Que nem agora, vou folgar domingo e segunda. Então domingo e segunda eu sou obrigado a ficar preso em casa. Porque domingo a minha mulher tá em casa, segunda não tem trabalho que é a minha folga. Aí eu levo meu filho em casa e fico em casa. A gente faz uma piscina lá sozinho. Quando eu canso da piscina, estico minha rede lá na varanda lá e fico deitado na rede. Depois vou ver televisão, que eu não consigo ficar parado num lugar só. Às vezes a parede lá em casa tá boa, eu quebro a parede pra refazer ela de novo. É assim, cara. Ela não, ela esquenta a cabeça com qualquer coisa. Eu falo: tu tá ficando velha, tá ficando com a cabeça branca aí, ó. Eu não, eu não esquento não, entendeu? Eu pago as minhas dívidas, faço o que eu tenho que fazer em casa. Esquentar a minha cabeça pra quê? Eu esquento a minha cabeça é com o trabalho, pra cumprir horário, entendeu? As normas do clube. Quando dá pra eu ajudar eu ajudo, entendeu? Agora também aqueles que pisa no meu calo também, eu piso também. Não respondo: esqueci a carteira. Por favor, pega autorização ali pra entrar. Ah esse aqui é meu camarada vai tomar um chopinho. Não senhor, vai lá dentro fala com o coronel, com o gerente pra autorizar a entrada dele, eu não posso fazer isso não. Mas quando é pessoa gente boa, entrega o nome da pessoa, a matrícula, os nome dos convidado, aí pra depois mandar lá pra dentro. Aí quando chega no final do dia eu pego aquele papelzinho, amaço o papelzinho, joga na lata do lixo. Aí compraram agora, gastaram quase sete milhões, sete mil reais pra comprar aquela cobertura pra piscina. Eles paga pra esses guarda aí, cinco, seis mil, sete mil mais sete, oito mil pra guardião de piscina. Pra quê isso? O cara não faz nada, entendeu? Só fica ali olhando as mulherzinha de biquíni, tomando um banho, de vez em quando eles dão um mergulho. Chega no final do mês põe o dinheiro deles.

(Nathalia): Mas apesar de todas essas dificuldades, em relação ao resto do povo brasileiro, você acha que você tá bem ou que você tá mal?

Toca o apito de mensagem do celular e os dois riem da possibilidade de ser a esposa dele.

(Álvaro): Depois eu vejo o que que é. Mal assim, como tu fala?

(Nathalia): Você acha que o seu trabalho, em relação ao restante da população, você tem trabalho. O que que você acha?

(Álvaro): Não, o meu trabalho, ele é bom. Eu falo, noventa, noventa e cinco por cento desse pessoal daqui, sócio daqui são tudo gente fina. Só tem uma meia dúzia de pesso, de sócio aqui que acha que tem o rei na barriga. Aí quer passar...por isso que eu falo. Que tem dez anos de Colégio Militar, cinqüenta anos de Colégio Militar. Teve uma filha de sócia aqui que chegou, o filho dela pulou o portão a primeira vez. Aí veio correndo brincando e aí foi lá e pulou o segundo. Aí a mãe dele tava (?). Aí eu falei assim: tô comunicando a senhora, que eu vou ao coronel Ricardo e vou fazer queixa do seu filho. Aí cheguei lá e falei com ele. Ele falou: eu vou lá falar com ela. Aí no dia seguinte veio uma pessoa procurar o coronel Ricardo, eu levei lá no tênis. Aí cheguei lá, a mulher me chamou de dedo duro. Eu: Por quê que eu sou dedo duro? Porque não adiantou nada você fazer queixa pro coronel. Dedo duro não, eu me dirigi a sua presença e comuniquei a senhora que eu ia fazer queixa do seu filho. Eu não fui covarde, nem dedo duro. Se eu fosse eu faria por trás da sua pessoa, mas não, eu comuniquei a senhora que eu ia fazer. Então eu não sou dedo duro. Ah, mas não adiantou nada você fazer queixa porque o coronel Ricardo é nosso amigo. Quer dizer, o filho dela pode fazer a merda que quer aqui dentro que ele vai lá, passa a mão na cabeça e fica por isso mesmo. Aí a gente fica sem, sem condições de trabalho aqui na portaria por causa disso. O sócio chega aqui, como tem vários militares que eu já peguei, já levei lá pra dentro. Eles pega, pega a carteira da mulher pra botar outra mulher aqui dentro. Pega a carteira do filho pra botar o amigo pra jogar tênis. Ele não sabe chegar aqui: pô, meu camarada quebra o galho aí, só quero jogar um tenizinho Tu sabe que é errado, mas tu sabe o que que tu tá fazendo. Aí quando eu pego, eu pego e a carteira e levo lá pra dentro. Aí quando chega lá dentro é de coronel pra coronel, os dois saí bonitinho e o porteiro aqui é que fica mal. Não dá uma punição, não dá nada. Aí então eu também parei. Quando eu assim, às vezes eu finjo que não olho. Eu vejo que tá entrando, eu não tô nem aí minha filha. Eu deixo passar, por que eu vou arrumar encrenca. Se eu arrumo uma encrenca com um sócio, com uma pessoa, tu chega lá dentro eles não fazem nada. É você que fica mal. Eles não te dão suporte de trabalho pra você. Eles fazem a norma, você cumpre a norma, mas eles mesmo deixam o barco correr solto. Por isso que aconteceu isso aí. O coronel Ricardo e o filho do, do, do coisa. A primeira vez, o Daniel foi lá no hotel lá mandou o (?) tomar naquele lugar, chamou ele pra porrada, não sei o que. Levaram ele lá pra baixo, pra conversar lá na sede central, né? Aí o pai dele, acho que é advogado, foi lá, conversou com o general e ficou tudo por isso mesmo. Não tomou uma punição, não tomou nada e pum, o que que acontece? Ele já sabendo disso, faz o que ele quer fazer aqui dentro ele faz. Porque ele sabe que tem um pai que é advogado. Tudo que o pai quiser, o pai faz pra ele. Aí ele faz as merdas aqui mas se garante em cima do pai. Que aconteceu isso aí, o coronel Ricardo pediu pra ele sair e ele disse que não ia sair. Aí chegou, conversou com o pai. Aí agora ele junto com o pai vai processar o clube. Ele se

sentiu humilhado pelo o que o coronel Ricardo falou pra ele, quis botar ele pra fora do clube. Ele não pode fazer isso. Ele tomou uma atitude sem se saber o que estava se passando. Tanto é que depois foi lá pra dentro lá conversaram, conversaram, conversaram e daqui a pouco sai os dois abraçados aqui. Como é que você vai trabalhar seguindo o ritmo de trabalho que a diretoria do clube quer, se eles não te dão um suporte pra você trabalhar?

(Nathalia): Se você pudesse parar de trabalhar, você pararia?

(Álvaro): Ah, se eu tivesse condição eu não pensava duas vezes. Eu parava. Ia lá pro Ceará, lá pro fim do mundo, abria uma toca debaixo da terra e me escondia lá. Sério! Eu ia pro Ceará, ia conhecer o Brasil. Se eu soubesse de uma cidadezinha bem pacata mesmo, mesmo se eu fosse um camarada milionário ia morar lá.

(Nathalia): Ia ficar construindo parede e destruindo parede, é? Que nem na sua casa?

(Álvaro): Não é, mas lá você já pode, é tipo um lugarejinho, você já pode ter uma vidazinha. Comprar um pedacinho de terra, entendeu? Pegar dois, três cavalinho pra você dar uma volta pela cidade. Tu pode ter um barzinho, entendeu? Pra você trabalhar. Você pode colocar um barracão na beira da praia. Ia fazer um troço que era pra você mesmo.

(Nathalia): Então, você ia trabalhar, mas só que pra você?

(Álvaro): Eu não. Mesmo se eu não quisesse trabalhar pra mim, eu ia viver só de renda. Se eu tivesse muito, mas muito dinheiro mesmo eu ia fazer um prediozinho com quitinete e ia dar pra administradora alugar. Era só no final do mês o dinheiro bater na minha conta e eu tava lá só comendo coquinho. É verdade! Botava meus filhos pra estudar, dava uma casa pra cada um, um carrinho pra cada um e eu ia curtir minha vida. Eu falei pra minha mulher mesmo: ó, seu eu ganhar dinheiro eu vou comprar uma casa bem longe daqui pra gente. Ah, mamãe vai também. Mamãe não, mamãe fica. É, eu não quero. É que além de ser casa separada, tu não privacidade. Porque é uma coisa, tu quer quebrar aquela parede ali pra levantar outra aqui você quebra, que a casa é tua, entendeu? Se é uma casa dos outros você não pode, pra você fazer uma coisa tu tem que pedir lá: ó, posso quebrar isso aqui pra fazer isso. Ó, cuidado com a estrutura da casa, ó cuidado com aquilo, pode cair. Você tendo a sua casinha ali tu faz o que quer, entendeu? Quer mandar (?), não gostou daquela porta de vidro bota uma porta de madeira, não gostou da tinta branca que tá na parede tu bota amarela. É uma coisa entre você e o seu marido, né? Você fica naquela linhazinha ali, você vive bem, tem um casamento legal. Aí você tem uma família estruturada. A minha família, ela é estruturada, mas só que tem esse pequeno problema. A minha mulher, ao invés de botar as coisas pra dentro da casa da gente, ela quer pra dentro da casa da gente e pra dentro da casa da mãe dela. Quando o meu sogro faleceu, a minha filha passou a morar com eles. Antes, quando ele era vivo, ela até morava lá. Mas a minha mulher passou a ficar com medo. Ficou o meu garoto morando comigo e a minha filha morando com a minha sogra e meu sogro. Aí depois o meu sogro

faleceu, aí agora fica só ela e minha sogra. É duro que a minha mulher às vezes deixa de comprar pra dentro de casa, mas compra pra mãe dela.

(Nathalia): Mas você faz planos pra profissão dos seus filhos ou não? Tem alguma coisa que você gostaria que eles fizessem?

(Álvaro): Ó, se eles quisessem mesmo, como já tem várias pessoas aí, eu queria que eles entrassem pra Aeronáutica. Aeronáutica, Marinha. Eles são tipo de coisa que tem faculdade dentro do próprio quartel. Já o Exército não tem. No Exército você tem que entrar fora, entendeu? É Escola de Cadete, entendeu? Aí quer dizer, como é que se fala...Escola de Engenharia não sei o quê. Aí eu gostaria que eles fossem pra Aeronáutica. A minha filha não quer, ela quer ser modelo. Tem uma garota lá, mora do lado lá, ela é modelo (?).

FITA 2 – LADO B

(Álvaro): O que eu não tive eles tem: quer comprar? Quero. Então vamos lá. Eu só falo: a única coisa que eu vou exigir de vocês é que vocês estudem. Minha filha estuda. Meu filho não estuda nem por um cacete, mas quando chega na prova ele só tira nota nove, nove ponto cinco. Mas lá em casa é um perrengue pro moleque fazer o dever. E com a minha mulher, né, que comigo eu não tenho paciência. Uma vez eu cheguei pra ele e falei assim: o rapaz, tua vó não tá mandando tu tomar banho, cara? Cara, vai tomar banho, meu irmão. Atende a tua avó. Ah nenenenene. Porra o sangue começa...vai tomar banho, meu irmão. Ah nenenenene. Peguei ele, não dei uma porrada nele sabe, peguei ele de leve. Peguei ele assim, pela camisa assim, levantei ele assim, peguei ele e joguei ele lá debaixo do chuveiro. Meu irmão, toda vez que eu falar (?), vou te agarrar pelo pescoço e te jogar debaixo d'água, entendeu? Aí minha mulher tava um dia lá em casa aí falou assim: Miguel, vai tomar banho. Ah, não sei o que, não sei o que, não vou, to vendo televisão. Falei: ó meu irmão, vou lá na sua avó, quando eu voltar eu quero ver você dentro do chuveiro. Aí eu já sabia o que que ia acontecer. Aí eu fui lá na minha sogra. Aí quando eu voltei, a janela da minha sala fica aberta, aí eu cheguei devagarzinho. Quando eu vi ele tava deitado no sofá. Aí eu voltei pra trás aí falei assim: cadê esse filho da puta? Só vi ele correndo pro chuveiro. (risos). Então não dá, sabe? É, é que ela acostumou mal as crianças. É tudo passando a mão na cabeça meu filhinho, mamãezinha. E eu já não fui criado assim. Eu fui criado abaixo de porrada. Que quando os meus filhos, meus irmãos ia apanhar...que a gente era magrelo mesmo, esquelético, quando o meu pai se separou da minha mãe. Aí quem era o saco de pancada da família era eu. Eu que apanhava no lugar dos meus irmãos. Que eu ficava com medo de pegar uma doença braba, um bagulho qualquer. Ficava com pena deles e apanhava no lugar deles. Aí quando a mãe hoje chega e fala pros meus filhos em casa e eles não obedece, eu não tenho saco. Eu falo uma, duas vezes. Aí na terceira eu não falo mais, entendeu? Eu já não bato, mas pego mesmo e jogo mesmo. Pego ele, boto sentado lá quando eu tô em casa. Acordou, tomou café, brincou. Onze horas entra, almoça, toma banho, senta o rabo na mesa e vamos estudar. Aí passo umas continha pra ele, (?) pra ele lá, ele pega e faz. Agora vamos jogar tênis. Eu

comprei duas raquetes, pego bola do professor aí e gente fica lá no quintal, que nem pingue-pongue. Às vezes eu levo ele pro Brizolão, eu jogo futebol lá com o cara (?). Aí fico brincando com ele. Depois volto pra casa: tem dever pra fazer, meu irmão? Tenho. Então vai lá em cima, senta o rabo lá e faz logo essa porra. Aí ele vai lá, senta, faz o deverzinho dele. Agora vamos tomar um banho na piscina. A gente vai pra piscina de mil litros que tem lá no quintal e toma um banho até onze horas da noite. Depois ele bate na cama, apaga. Aí já minha mulher não tem moral, entendeu? Ah, vem tomar banho. Ah, não vou. Vem tomar banho, não vou. Ó não vou chamar mais não. Aí fica por isso mesmo. (risos). É, mas tem aquele negocinho. Na hora que tem que ser, tem que ser. Na hora que não vai, não vai. Mas ela não. Eles enrola, os irmãos dela, ela todinha. Aí chega: mãe quero dinheiro, pra comprar um açaí. Ah, não tenho dinheiro não. Aí chega lá, vai lá deita, assim do lado da mãe. Ah mãezinha, quero tomar um açaí, mãezinha. Aí ela vai lá e dá. Ó, ganha só na, só na conversa. Já quando é comigo não tem. Eu falo: você acostuma mau, cara. Eu quando eu quero dar eu dou, mas na hora que eu falar que não é não, entendeu? Você não, na hora que eles pede você dá. Você não fala não. Por isso que eles não te obedece.

(Nathalia): E se o seu filho chegasse pra você e falasse que ele queria trabalhar aqui no clube?

(Álvaro): Não...assim, por exemplo, se ele fosse estudar. Já terminando o ginásio, ele vai ser obrigado a ir pro quartel. Se ele saísse do quartel, quisesse continuar fazendo o estudo dele, uma faculdade, aprender uma profissão e coisa e tal e viesse trabalhar aqui, aí eu até deixaria. Tá terminando os estudos dele lá e tá ganhando o dinheiro dele aqui pra ele começar a aprender a ter responsabilidade, pagar as conta dele. Mas, parar de estudar pra vir trabalhar aqui. Isso aqui não tem estrutura pra ninguém, cara. Aqui você tem que ter esse trabalho aqui e ter outro por fora. A não ser quem trabalha ali dentro, na secretaria, quem trabalha no hotel, quem trabalha de gerente, entendeu? Ganha mil e porrada, dois mil. Se fizer hora extra chega a quase três mil reais. Aí pra eles dão, entendeu? Pra quem trabalha lá dentro, da terceira-vice, ganha mil e quinhentos, dois mil, dois mil e pouco, quatro mil. Tem coronel que ganha seis mil. Quer dizer, pra eles dá. Agora, pra que que eu vou botar meu filho pra trabalhar de servente ali pra ganhar trezentos reais? Vou botar ele na portaria pra ganhar quatrocentos e sessenta? O que que ele vai fazer com isso? Como é que ele vai construir a família dele? Além de ele já ter casa, que a casa que a gente tá morando, todas duas, é uma de cada um. Mas e aí, como é que ele vai sustentar a família dele? Por isso que eu falo, vai namorar, vai casar, mas só depois que você tiver uma estrutura sua. Eu falo sempre pra minha filha: você tem que trabalhar pra não depender de homem nenhum. Casa com o cara, pára de trabalhar, daqui a pouco o cara te dá um chute aí como é que você vai viver? Em todo caso tipo você começar a namorar ou noivar com o cara, o cara já tem que saber que você trabalha, você tem o seu dinheiro, você tem o seu salário e ele tem que aceitar o jeito que tu é. Ah, não sei o que, sai do trabalho pra isso...não. Então só fica comigo se eu largar do trabalho, então tá beleza. (?), os dois trabalham, depois comprar a casa de vocês, se vocês quiser aumentar a casa, vocês ter seus filhos, entendeu? Você já tem

uma estrutura dentro dela. Você trabalhava, o cara trabalha sozinho, depois o cara te larga, como é que você vai cuidar dos seus filhos? Não dá. O cara vai arrumar outra mulher, vai fazer outro em outra mulher, vai dar pra outra mulher tudo do bom e do melhor e você vai só receber essa merrequinha. Trocado pra comida das crianças. Então você não pode, você tem que, você tem que seguir a sua vida. Meu filho, vai ser mole enrolar ele. Pior quando você vai na loja de mecânica. Quando ele for pro quartel, ele vai logo pra garagem do quartel mexer nos caminhão lá que ele vê. Agora a garota que vai ser mais complicado, que ela quer ser modelo. Falei: modelo não vai te dar futuro nenhum, é uma carreira instável. Tem que ter conhecimento, contatos, ter uma boa produção, um bom *book* pra poder apresentar, quando tu não pega um cara, aqueles cafetão que acha que tu primeiro tem que dormir com ele pra depois ele te lançar. Às vezes ele não te lança porcaria nenhuma. Às vezes chega um cara aqui, te apresenta pro outro pra fazer coisa lá nos Estados Unidos, quando tu chega lá não era nada daquilo. Ter uma coisa mais fixa, mais pé no chão, entendeu? É por isso que eu vivo aqui. Tenho meus trabalho, minha vida, minha mulher, meus filhos. É tudo que eu quero, não quero mais nada. Tenho meus amigos, entendeu? Tenho você, que é minha camarada, tem tua mãe, teu irmão, Ricardinho. Tem aquela outra mulher do teu pai lá que eu nem sei o nome dela que de vez em quando ela vem aí (?). Tanta gente boa aí, tem muita gente boa. A maioria dessas velhas aí de grupo cultural, pessoal que vem fazer hidroginástica, a Sandra, entendeu? Então às vezes eu saio de casa e venho pra cá. Só que nego fala que o trabalho da gente é a segunda casa, né? E aqui eu me sinto como em casa. Só quando eu entro naquela portaria, que eu já entro já com o estômago embrulhado. Já sabe que não demora muito tem sempre um pra querer pisar nos teus calos. Aí fica o dia todo tranqüilo. Antigamente era pior ainda, porque o sócio pra entrar com convidado tinha que ter convite. Quando a secretaria fechava e aí, como é que ficava? Até nisso o coro, o general é gente boa: o Álvaro, toda vez que a secretaria fechar e chegar algum sócio com convite, querendo que o convidado venha entrar, você anota o nome, anota a matrícula, o nome dos convidados depois manda lá pra dentro pra dona Marta. Aí depois que ele falou isso ai acabou. Eu chego anoto, anoto, pa pa pa, toma ficha na portaria e mando lá pra dentro. Aí tem sempre um ou dois...

Breve interrupção da entrevista para cumprimentar um colega. A gravação, entretanto, não foi interrompida.

(Álvaro): Mas tem sempre um ou dois que não quer saber. Chega ali com dois, três convidados e quer passar a carteira pros três entrarem. Aí nego chega nego com outra mulher querendo entrar. E você não pode deixar. Se você deixar o homem descobrir depois quer dizer, você perde teu emprego, entendeu? Fica como mau funcionário. Tantas vezes quando dá pra você quebrar o galho que você vê que não vai se prejudicar eu quebro, mas de vez em quando não dá, não dá. Às vezes quando o pessoal chega pra mim: pô Álvaro tem um aí camarada pra tomar um chopinho, não sei o que. Às vezes dia de sábado e domingo, às vezes tem a lista de churrasco, eu falo assim: vai lá fora, manda teu colega esperar, tu entra, tu manda, depois manda ele vir. Aí quando o cara vem: pois não meu

amigo. Não, eu vim pra churrasqueira tal. Me dá teu nome. Aí finjo que tô olhando ali na lista do churrasco. Ah tá aqui, meu amigo, pode entrar. (?). Aí o cara fica ali sentadinho ganhando o dele. Tenho amizade com todo mundo, entendeu? Tem nego que vem do sítio aí traz cenoura, traz limão, tangerina, abacate, saco de batata, nego traz caixote de verdura. Aí dá tudo aí pra mim levar pra casa. Pego e dou um bocado pros guarda, um bocado pra esses porteiro, um bocado pro...pro abraço. O abraço, ele ganha cesta de natal, mas ele não leva pra casa. Ele é orgulhoso, ele não aceita. Ele não aceita nada. Aí eu falo assim, ó então falo o seguinte: toda a cesta de natal que tu ganhar e garrafa de vinho tu guarda pra mim. Aí quando tu quiser ficar um dia em casa me fala que eu tiro um plantão pra você. Aí é isso. Aí no natal eu ganho a cesta do clube, ganho a minha, ganho a dele. Ainda tem a outra moça que ganha, ela trabalha na igreja (?), aí todo ano ela pega quatro, cinco convite lá e traz pra cá e distribuí pra gente. Aí pelo dia vinte e dois, vinte e três assim a gente vai lá e panha outra cesta de natal. Mas lá já é mais mantimento mesmo, não é cestinha de natal não. E essa é a vida que a gente tem, cara. Graças a Deus, minha infância foi bem vivida. Só a parte mesmo depois que eu tava burro velho mesmo que eu...entrei numa de ficar bebendo, mas eu não era casado, eu era solteiro. Eu bebia muito, mas muito mesmo. Chegava às vezes de eu tomar dois, três porres por dia.

(Nathalia): Aí hoje em dia você não bebe?

(Álvaro): Não bebo nada. Nada, nada, nada, nada. Entrei pros alcoólatra anônimo, aí tu escutava cada coisa lá. Nego mistura querosene com álcool, com açúcar, mistura com água pra tomar. Aí eu pensei, todo dia quando você ia lá, mesmo que fosse em lugar diferente, mas tu só escutava sempre as mesma história, sempre as mesmas pessoas que ia pra reunião, sabe? Aí eu falei assim, você quer saber de uma coisa, nunca mais que eu vou botar o pé aqui. Se eu não tiver força de vontade pra largar, não vai adiantar nada eu tá aqui. Eu entro aqui, escuto, aí quando saio eu bebo lá fora. Aí peguei e nunca mais fui. Também nunca mais eu bebi. A única coisa que eu pedi pra Deus ele me deu, eu tenho uma família. Me deu mulher e filho. Minha vida eu vivo pra eles. Que pra mim mesmo, eu não esquento com nada. A mulher chega: ah, vai lá comprar uma roupa pra você. Pra que que eu vou comprar roupa, eu já tenho. Se tu abrir meu guarda roupa, rapaz, tá cheio de roupa. Eu tenho jaqueta, tenho calça comprida, tenho sapato. Sapato então, uns quatro, cinco pares lá em casa, mas eu não uso. Eu não gosto. Eu só uso sapato aqui que eu sou obrigado. Eu gosto mais de usar tênis, aquele sapatinho fininho, mocasin, que tu enverga ele. Eu gosto daquilo. Aquela sandália tipo da Raider do Guga. Esse tipo de coisa que eu gosto. Bermudinha, você vê mesmo no inverno quando eu venho trabalhar, eu só chego de short, bermudão até o joelho. Eu não uso calça comprida. Só quando tá chovendo, mesmo assim mesmo eu uso a calça de moletom. Não ando de calça jeans. Aí eu não compro roupa pra mim, eu já tenho muita. Eu compro pra eles. Compro roupa pra minha mulher, compro pros meus filhos, compro sapato, compro tênis, tudo pra eles. Mas pra mim mesmo não. Ó, comprei um celular pra mim da Samsung daquele de, de fechar. Quando eu cheguei em casa a mulher: ah gostei, não sei o quê, me dá, me dá. Não dou, esse aqui é meu. Ah me dá, você é nojento, eu falei que ia comprar

um igualzinho a esse. Tu comprou na minha frente só pra me botar água na boca, me botar inveja. Mas todo dia era uma perturbação. Eu falei quer saber de uma coisa: quer essa porra desse celular, toma mulher, fica com ele. Aí ela me deu esse aqui. Ainda fiquei com o carnê pra pagar. Aí eu ainda podia esquentar, né? Quer um celular toma, mas fica com o carnê também. Eu não. Quer o celular toma, minha filha, você merece, me dá o teu. Eu fiquei com esse aqui, entendeu? Agora eu vou vender esse aqui pra comprar outro pra mim. Eu não esquento, levo a vida assim. Tenho meu dinheiro guardado no banco, quando eu quiser comprar uma coisa eu compro, quando eu quiser usar o cartão eu compro, quando eu quiser ir pra lanchonete eu vou, quando eu quiser ir pra Barra da Tijuca eu vou. Eu não esquento a minha cabeça, não vou esquentar mesmo. Eu esquento com o meu trabalho, chegar no meu horário, fazer meu serviço, pra chegar no final do mês o meu pagamento tá lá. Vou lá pro outro prédio. Às vezes me eu arrebento fico dois, três dias, quatro dias sem ir em casa. Às vezes falo com os meus filhos pelo celular ou então pelo telefone, quando eu ligo. Mas ela não, ela fica o quê? Com raiva de mim. Se eu não atender então aí danou. Quando eu chegar em casa é briga mesmo: mandei mensagem pra você, por que você não atendeu, onde é que tu tava, o que que tu tava fazendo? Mulher, eu tava no trabalho, mulher. Que no trabalho o quê, como é que eu liguei pra lá e você não tava mais? Teve um dia que teve uma brigadeira feia. Eu fechei a portaria aqui, fui ficar naquele portão do almoço, lá não tem ramal. Aí ela ligou, o rapaz do hotel atendeu: queria falar com o Álvaro. O Álvaro já foi embora. Que ele olhou pra portaria aqui, viu a portaria fechada. O Álvaro já foi embora. E eu não fui embora, tava trabalhando lá em cima. Aí falaram pra ela que eu tinha já ido embora. Quando eu cheguei em casa pra explicar pra ela. Que ela quase não vem aqui e ela não sabe como é que é. Ficou quase uns três dias sem falar comigo. Eu me arrebentei feito um cachorro aqui, chego em casa e ainda tenho que aturar uma coisa dessa. Eu não brigo. Eu já cansei de falar com ela quando ela começa a discutir comigo eu falo: ó não adianta você tentar, que eu não vou brigar com você. Ah ni ni ni ni. Meu irmão, eu viro as costas e largo ela falando sozinha. Aí deito lá na minha rede, boto meu, meu, meu *walkman* na orelha e fico. Daqui a pouquinho vem ela, aí deita na rede do meu lado: vai cair a rede, tu tá gorda pra cacete. Aí acabou a briga. E é assim. Eu falo: minha filha, a gente já tá ficando velho, tem que procurar viver a vida. Não tá faltando nada dentro de casa, a nossa casa tá arrumadinha, não falta fazer nada. Chega final de semana, vamo pro shopping, vamo no cinema, vamos pro hotel, pra Barra da Tijuca nós dois. Vamo curtir uma praia. Vamo pra casa do meu pai lá em Barra de São João ficar na praia um final de semana, entendeu? Mas ela não vai. O negócio dela é ali a casa. Ela foi criada toda ali na casa, ela quer morrer ali dentro da casa. Pra ela sair tem que levar a família, aí eu não levo. Quer ir ao cinema tem que levar todo mundo, quer ir ao restaurante tem que levar todo mundo. Então eu não saio. Ah, mas é tua família. A minha família é eu, você e nossos filhos, entendeu? Não tá incluída a tua mãe nem ninguém. Agora, um dia, à tarde, vamo fazer um almoço de família. Vamo todo mundo pra um restaurante, aí vai todo mundo. Tem aquele dia pra você sair com a tua família e sair só a gente, certo? A gente saí, senta numa mesa, toma um chopinho: vamo fazer aquilo lá em casa, vamo botar assim, vamo deixar o banheiro do jeito que tá mas aumentar mais um pouco. Trocar uma idéia...

BREVE INTERRUPTÃO PARA FALAR COM UM COLEGA DE TRABALHO

(Álvaro): Entendeu? Mas conversar, trocar idéia, dialogar, sabe? Mas ela não, ela só quer viver pra a família dela, esquece a família que ela tem em casa. Às vezes no dia de segunda que eu saio de casa direto pro prédio, eu passo o dia todo em casa. Aí quando ela chega do trabalho vai pra casa da mãe. Aí vem em casa, troca de roupa e volta pra casa da mãe. Eu chego, eu tomo banho, me arrumo, janto, saio pro trabalho e eu não vejo a minha mulher em casa. Ela tá lá na casa da mãe dela. Aí quando chega no dia seguinte, quando eu chego em casa: ué,(?) que nem aconteceu, entendeu? Pra mim mesmo ali dentro pra mim o que me importa pra mim mesmo são meus filhos. Eu gosto da minha mulher, eu amo ela, o que ela depender de mim eu faço por ela, mas pra mim mesmo só existe lá em casa meus filho só. Não tem mulher, não tem casa, não tem sogra, não tem nada. Eu vivo é pra eles Eu falo mesmo: só quero de vocês só que vocês estudem. Tudo que eu puder dar pra vocês eu dou. E como eu dou mesmo. A minha mulher comprou o telefone de Simes, acho que é MC-60, esse que tem o negócio, vem um negócio branquinho aqui. Tem um que é espécie de X, né?

(Nathalia): Tem, tem.

(Álvaro): Então, tem outro, um primo dele que é só um branquinho que vem aqui do lado. Aí eu comprei aquele pra mim. Quando eu cheguei em casa a minha filha: ah papai, gostei, não sei o que. Aí eu falei pra ela assim: estuda, tudo que eu puder dar eu dou. Ah, você falou que ia dar, que era só pra mim estudar. Ainda me levou no papa: toma. Aí ela me deu um...3310 da Nokia. Aí eu trouxe pra cá pro clube, aí peguei vendi. Aí comprei... Samsung, né? Esse A 800. Fiquei todo contente, veio com uma capa de couro e tudo da Samsung mesmo. Aí quando eu cheguei em casa a minha mulher: ah, meu filho, eu quero ele, que não sei o que, ele é o azul. Que quando tu abre ele fica aquele azulão. Ah, é justamente o que eu queria. Eu: puta que o pariu, toma mulher, fica com esse aí. Me dá o carnê que eu pago, me dá seu celular. Aí eu fiquei com essa merda aqui. É Vivo, mas eu não gosto da Vivo não. Ela tem um defeito, ela te dá o bônus, mas o bônus que ela te dá você só pode falar de Vivo pra Vivo, você não pode falar com outro, entendeu? A Claro não, a Claro te dá o bônus, mas ela manda você falar com qualquer, você pode falar com qualquer operadora. Você pode falar com a Vivo, com a Claro, com a Oi, com a Tim, com telefone fixo, entendeu? Tu só que é (?) por inteiro. Agora tem que comprar um computador pra botar lá em casa pra minha filha, pra ela fazer pesquisa, esse negócio todo. Aí vou ver se até o final do ano agora eu compro um computador pra ela. Vai vir mais uma despesa. Eu tenho que me virar, né? Tem uma moça que ela já tá vendendo, que ela quer um porteiro pra ficar lá no prédio dela. Eu disse a ela: se precisar é só falar comigo. Aí eu vou ficar aqui no clube, vou ficar lá no Humaitá e ainda vou pro outro. Ficar com três. Tem uma hora que o corpo vai, vai explodir, não vai agüentar mais. Aí eu vou ter que parar. Aí eu vou ter que parar. Escolher ou paro de trabalhar ou fico só (?). Eu já comecei cedo, desde os doze anos, então eu tenho que... tem um limite. Que a gente aqui mesmo ali na portaria tem dia que eu dormi em pé, entendeu? Que eu

chego em casa eu não durmo, meu filho: papai, vamo jogar tênis. Aí às vezes os dois tá brigando, um quer ver uma coisa o outro quer ver outra. Aí vai lá me acordar, quer dinheiro pra comprar açaí, quer dinheiro pra comprar picolé, entendeu? É dinheiro pra comprar pipa, pra alugar fita e eu não descanso. Aí saio cansado, vou lá pro prédio, fico a noite toda acordado, no dia seguinte eu venho pra cá. Pego no trabalho aqui só vou embora pra casa de noite. Quer dizer, eu não consigo descansar. Dormir então nem se fala. Ele já acorda de manhã cedo e já quer ir lá pro Brizolão. Às seis horas da manhã ele já tá de pé, que ele acorda cedo pra ir pra escola, aí quer ir pra Brizolão. Quer dizer, não deixa tu dormir. Às vezes eu saio daqui dez horas, chego em casa meia-noite, meia-noite e meia, quase uma hora da manhã. Aí vou tomar um banho, jantar, aí vou dormir uma hora, uma e meia, entendeu? Então dá cinco, seis horas da manhã ele já tá levantando, me acordando. Ele já levanta da cama e vai me acordar. Aí dali eu não consigo mais dormir. Aí eu levo ele na escola, volto, sento na sala, boto cd, fico escutando música. Aí quando dá minha hora eu vou trabalhar. Aí de vez em quando não quero ficar em casa, espero logo o ônibus e venho de uma vez. Aí eu chego cedo aqui. Aí eu chego pro Glauco: ó quer que eu pegue cedo, eu pego. Não tem problema nenhum, noutro dia você me libera mais cedo. Aí eu chego cedo no trabalho. (?). Às vezes você mesmo chega: ih, hoje ele tá com a cara amarrada, hoje ele tá mau humorado. Não é não, cara. É que tu já acorda mau mesmo, sabe? Com o corpo cansado. Às vezes, tu acorda de manhã cedo e só vai melhorar lá pra de tardinha. Quando a gente começa a pegar o ritmo do trabalho, que o sangue esquenta, aí o cansaço pára, você não sente o cansaço. Só sente quando tu pára. Que se tu não tirar aquelas oito horas, seis horas de sono direto, aí descansar o corpo, tu não agüenta. Tu não fica estabilizado, sabe? Tu não tem suporte a batata da perna começa a doer, começa a arder de ficar em pé. Por isso que às vezes tu chega aí eu to sentado na cadeira. Porque não dá, tu não agüenta, tu fica em pé às vezes a perna começa a tremer tu tem que encostar na parede. Às vezes tu senta. Aí tu tem que sair dali pra abrir o portão pra cadeirinha de roda, pra carrinho de bebê, toda hora um entra e sai. Aí tem que voltar pra cá pra tomar conta de roleta. Às vezes tu sai daqui tem que ir lá pra tomar conta do banheiro, do vestiário da piscina porque um faltou. Aí tira um porteiro daqui joga pra lá, fica um só aqui pra trabalhar por três. Aí eles não te dão valor. Só tem valor aquele pessoal que trabalha com eles lá dentro, sabe? (?) lá dentro, é os peixinho, é os conchavo, entendeu? Quando tem festa eles pagam o funcionário pra ficar na festa. Quando tem final do ano, essa de natal aí de reveillon eles escala porteiro pra ficar aqui. Tu deixa de passar natal, reveillon com a família porque tem que ficar aqui na portaria. Eles não te dão valor: o rapaz é trabalhador, vamos dar uma oportunidade pra ele, entendeu? Eles não fazem isso. Quer mais que o cara morra dentro da portaria. Se eles fizesse: ô Álvaro ó, vai trabalhar no hotel, vai passar a auxiliar administrativo. Aí não tinha necessidade de eu tá arrumando outro emprego fora. Que as minhas compras que eu faço, eu faço só pra repor. Que a minha esposa, ela chega almoça na mãe, que ela trabalha. De noite ela não janta. Eu, quando eu chego em casa eu só como um miojo, que lá em casa já tem um estoque de miojo pra mim. É eu e meu filho, que é pra não dormir com o estômago pesado. Eu almoço...

